

A Estratégia da Guerra Popular Prolongada: **UGANDA**

Presidente Yoweri Kaguta Museveni

Comentários feitos pelo General Yoweri Kaguta Museveni, Presidente da República de Uganda, aos alunos e docentes da Escola de Comando e Estado-Maior do Centro de Armas Combinadas, no Forte Leavenworth, Kansas, em 26 de setembro de 2008.

A IDEIA DA MINHA vinda surgiu há alguns meses. Vim assistir à formatura do meu filho, que era aluno aqui. Então, o General Caldwell me convidou para almoçar. Durante o almoço, o público ao redor da mesa — o público americano — mostrou-se bastante curioso sobre a história de Uganda. Eu disse, então: “Por sinal, se estiverem interessados, posso voltar para Leavenworth quando retornar para a Assembléia Geral das Nações Unidas”, porque normalmente venho à ONU — nem sempre para fazer um trabalho assim tão útil por lá — mas para marcar presença, valha o que valer. Já que percorri toda essa distância para fazer um trabalho não tão útil nas Nações Unidas, disse ao general que poderia passar mais duas horas aqui e compartilhar a história de Uganda com vocês.

Outra razão pela qual pensei nisso é que os Estados Unidos e a África perderam tempo nas décadas de 50 e 60. Os seus líderes dessa época não entenderam a nossa causa — não entenderam a causa do nacionalismo africano. Por isso, naqueles tempos, trabalhamos principalmente com os russos, chineses e povos orientais. Não somos comunistas, mas como vocês não vieram nos ajudar, buscamos ajuda onde ela estava disponível. É por isso que os nossos exércitos não trabalharam realmente com o de vocês durante boa parte dos anos 50 e 60. Foi apenas recentemente, nas décadas de 70 e 80, que os exércitos, especialmente os exércitos de libertação, que lutaram pela liberdade, tiveram contato inicial com vocês.

Eu estava ciente disso e quando conheci o general, disse: “Essa seria uma boa oportunidade para fecharmos essa lacuna.” Eis a origem desta palestra. Destina-se, em parte, para que vocês entendam o que se passa na mente de um combatente revolucionário. Em segundo lugar, é para

O discurso do Presidente Museveni foi inicialmente transcrito pelo Setor de Comunicações Estratégicas do Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA e editado pela Military Review para fins de extensão e legibilidade.

FOTO: O General Yoweri Kaguta Museveni, Presidente da República de Uganda, fala aos alunos e docentes da Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA, no Forte Leavenworth, Kansas, em 26 de setembro de 2008.

Departamento de Defesa, Don Middleton

fechamos aquela lacuna. Hoje, as relações com os Estados Unidos vão muito bem — não apenas quanto a Uganda, mas também quanto a muitos países africanos. Então, essa diferença de opinião foi sanada, mas não acredito que sincronizamos as nossas histórias, especialmente as do Exército. É por isso que estou interessado nesta conversa.

O assunto de que vou falar é “A Estratégia da Guerra Popular Prolongada”. A Guerra Popular Prolongada é um instrumento estratégico nas mãos dos oprimidos contra o opressor, seja ele local ou estrangeiro. É um instrumento estratégico, e vocês que estudam estratégia sabem o que isso significa. É um meio que pode ser usado para mudar uma situação completamente, de A para Z. Contudo, a Guerra Popular Prolongada só é possível em certas condições. Não pode ocorrer em todas as condições. Pensei em cinco delas que precisam existir antes que se trave e vença uma Guerra Popular Prolongada.

Primeira condição: É preciso que haja opressão extrema e generalizada — suficiente para gerar desespero e ressentimento em um grupo representativo da população. Essa opressão inclui não apenas a negação de direitos políticos, o que, às vezes, é um pouco remoto em sociedades subdesenvolvidas, mas também deve incluir, mais especialmente, a alienação de terras — tomada de terras do povo; assassinatos extrajudiciais; profanação de locais culturais; supressão da cultura de um povo, incluindo o idioma; e outras medidas extremas semelhantes. Essa é a condição número um. É preciso haver opressão generalizada, especialmente a que envolve a tomada de terras do povo e o ataque à sua identidade.

Essa era, por exemplo, a situação no Sudão. Vocês devem ter ouvido falar do Sudão. É um lugar onde africanos e árabes moram lado a lado. Tenho certeza de que vocês conhecem essas pessoas. É fácil distinguir um árabe de um africano. Não sou árabe; sou africano. No caso do Sudão, os negros viviam junto dos árabes. Contudo, alguns árabes queriam transformar os africanos em árabes, e isso era um grande problema. Isso causou todos os problemas de que vocês devem ter ouvido sobre o Sudão.

Segunda condição: É preciso estar claro para muitas pessoas na comunidade oprimida que não há uma opção pacífica para livrá-las da opressão

e que a luta armada é a única solução. Se o povo acha que pode usar eleições — que pode empregar outros meios para resolver o problema — seria muito errado propor utilizar a guerra. Portanto, a Guerra Popular Prolongada deve ser empregada como último recurso.

Terceira condição: Outro fator essencial é o terreno, o terreno do país. Quando se luta nas áreas urbanas, [isto é] o ambiente político, que é, de alguma forma, ligado à condição número um — significa que se deve ter um terreno favorável ou apoio [político] maciço se for uma área urbana.

Quarta condição: Os aliados externos a favor ou contra a causa revolucionária também podem agir como catalisadores para acelerar ou retardar o processo de libertação. Tenho certeza de que vocês se lembram da Guerra do Vietnã. O apoio do bloco comunista à guerra de resistência no Vietnã exerceu um papel essencial na vitória do nacionalismo vietnamita e reunificação do país. O apoio das nações ocidentais aos mujahidin no Afeganistão ajudou a derrotar a ocupação soviética naquele país.

As bases de retaguarda fornecidas pela Tanzânia e Zâmbia aos movimentos de libertação no sul da África capacitaram os nossos irmãos e irmãs de lá a derrotar os regimes racistas brancos em Moçambique, Zimbábue, Namíbia e África do Sul. Em alguns casos, porém, as forças revolucionárias receberam pouca ou nenhuma ajuda externa, mas derrotaram as forças repressivas. Os exemplos de Cuba — aquele homem, Castro, com quem vocês têm dificuldades aqui perto — e Uganda se destacam nesse sentido. Nessas duas situações, não havia grande apoio externo, mas sim interno. A liderança revolucionária conseguiu recursos suficientes para derrubar a ditadura.

Em Uganda, começando com 27 fuzis, recebemos apenas mais 92 deles e 100 minas terrestres do exterior entre 1981 e 1985. Adquirimos todos os outros equipamentos dentro de Uganda à custa dos regimes inimigos contra os quais lutávamos. As forças governamentais eram os nossos fornecedores de armas e intendentess — dois em um. O regime importava armas e nós as capturávamos. O inimigo, portanto, era nosso agente de compras no que diz respeito à importação de armas. Contudo, eu falava

aqui sobre a questão de apoio externo. Ele é importantíssimo, mas nem sempre necessário. Com as condições certas, é possível travar uma guerra revolucionária mesmo com recursos internos.

Quinta condição: É preciso que haja uma liderança revolucionária capaz de fazer duas coisas — articular como o futuro será melhor quando as forças revolucionárias vencerem e convencer o povo por meio de persuasão e ações que é possível triunfar.

A liderança precisa convencer o povo que, primeiro, o futuro será melhor e, segundo, que é possível — é realizável. Porque, a princípio, as pessoas são céticas; podem se sentir oprimidas, mas duvidam que o método possa funcionar. Cabe à liderança convencê-las que é desejável, realizável e viável.

Uma liderança intelectual é muito importante para lidar com essas questões. Caso seja medíocre, a liderança talvez não seja capaz de lidar com as questões teóricas e práticas da luta. De fato, esse é um problema para muitos movimentos de resistência.

A meu ver, essas são as cinco condições que precisam existir para que se inicie, sustente e vença uma guerra revolucionária.

Uma vez que se tenha certeza de que as condições objetivas existem e de que há opressão no local, há os chamados fatores subjetivos. Os fatores subjetivos significam o entendimento das pessoas sobre as realidades do local, mas elas talvez não consigam compreender essa realidade. Isso significa que existe uma discrepância entre as condições objetivas no local e os fatores subjetivos. Assim, cabe à liderança conscientizar as pessoas para que elas possam enxergar tanto a vantagem quanto a viabilidade da luta.

Há alguns grupos, se vocês se lembram — pela sua idade ou pela leitura — que surgiram em partes diferentes do mundo. Alguns desses grupos eram situados na Europa, como o grupo Baader-Meinhof na Alemanha, semelhante ao Exército Vermelho Japonês. Esses grupos achavam que conseguiriam produzir a revolução na Europa pela violência — mas não estudaram as condições objetivas na Europa. As condições certas não existiam.

Chamamos tais grupos de “aventureiros”. Isso é “aventureirismo”. Quando você promove

uma causa e quer empregar a violência, mas as condições não permitem esse tipo de método para resolver o problema, nós lhe damos o nome de aventureiro.

A estratégia de uma Guerra Popular Prolongada depende de dois fatores. Você percebe que, estrategicamente, é forte e que o inimigo é fraco. Contudo, taticamente, você é fraco e o inimigo é forte. Se não perceber isso, vai cometer erros enormes.

Era isso que Mao Tsé-tung queria dizer — aqueles de vocês que ouviram falar de um homem chamado Mao. Mao Tsé-tung. Isso é o que ele disse ser uma das suas condições. Disse: “No longo prazo, todos os imperialistas são tigres de papel. Estrategicamente, devemos menosprezar o inimigo; taticamente, porém, devemos levá-lo a sério”. Era isso que ele queria dizer: no longo prazo, você sabe que eu [o revolucionário] sou mais forte que esse sujeito, porque a minha causa é justa. A maioria do povo me apoia, mas não está suficientemente organizado no momento e, assim, sou fraco no curto prazo. Portanto, a finalidade da luta Popular Prolongada é esse processo de mudança gradual no equilíbrio das forças entre os protagonistas que constituem a Guerra Popular Prolongada. A princípio, no curto prazo, o revolucionário é fraco, mas, no longo prazo, ele é forte. Por quê? Porque sua causa é justa. Portanto, para permitir que essa evolução ocorra — a evolução do revolucionário da fraqueza até a realização da sua força potencial — você deve planejar sua tática com muito cuidado.

No começo, evite bater de frente com as forças inimigas. Domine o inimigo, mas proteja-se.

Inicialmente, em curto prazo o revolucionário é fraco, mas em longo prazo ele é forte. Por quê? Porque sua causa é justa.

Esse é o princípio importante dessa guerra: antes de tudo, você sobrevive. A sobrevivência, para o insurgente, para o revolucionário, é em si um sucesso. Quando ele sobrevive, essa mera sobrevivência é um sucesso e faz parte dos objetivos principais do revolucionário. Evite a

aniquilação. Para evitar a aniquilação, só trave as batalhas sobre as quais tem certeza absoluta. Caso contrário, evite o inimigo. Caso leia Mao Tsé-tung, verá que, quando o inimigo avança, nós nos retiramos; quando ele se retira, avançamos, exatamente assim. Portanto, nas fases iniciais, o revolucionário deve evitar colisões frontais e deve atacar os alvos fracos. Falarei sobre isso em um minuto.

Contudo, a guerra revolucionária tem quatro fases. A primeira fase consiste na agitação política e nas operações clandestinas. Atacar aqui, atacar ali, visar o pessoal de Inteligência do outro lado — essa é a primeira fase. A primeira fase é preparar o povo e sacudir o sistema.

A segunda fase é a guerra de guerrilha. Nesse tipo de guerra, formam-se grupos que atacam alvos vulneráveis — delegacias de polícia, policiais em serviço, explosão da infraestrutura. As guerras revolucionárias africanas são diferentes das do Oriente Médio. Isso é algo que se deve saber e levar em consideração. É a

razão pela qual vencemos, enquanto os grupos no Oriente Médio levaram tanto tempo para atingir seus objetivos. Porque na África — vocês lembram uma das condições que mencionei — é preciso haver uma liderança revolucionária. Um revolucionário é como um homem santo, mas com armas de fogo. Se vocês podem imaginar Jesus com uma arma na mão, isso é um revolucionário.

Não se pode fazer nada errado. Portanto, ao escolher alvos, é preciso selecioná-los com muito cuidado. Antes de tudo, não se devem atacar não combatentes. Nunca, nunca, nunca! Vocês nunca escutarão que Museveni atacou não combatentes ou que Mandela explodiu pessoas bebendo em um bar. Por que se importar com pessoas em um bar? Não são políticas; estão simplesmente se divertindo. Por que visá-las? Visar pessoas em um barzinho é a ruína. [Sequestrar] aviões é besteira. A delegacia de polícia, os policiais em serviço são os alvos; não o policial fora de serviço. O alvo tem de estar armado; vulnerável, mas armado. A



Simpatizantes dão as boas-vindas ao presidente de Uganda, Yoweri Museveni, no Distrito de Luwero, Uganda, 23 de dezembro de 2005.

infraestrutura — quando se explode uma estação emissora, não há considerações humanitárias. Simplesmente se explode a estação. É essa a diferença entre a guerra revolucionária na África, que travamos, e o que ocorre no Oriente Médio. Assim, na fase de guerrilha, visam-se os alvos vulneráveis. Essa é a segunda fase.

A terceira fase é o que vocês chamam de guerra de movimento. É quando se consegue operar como uma unidade do tamanho de um batalhão ou brigada e atacar, principalmente na retaguarda do inimigo. Em nosso caso, ao iniciarmos as operações, nós as concentramos em uma área chamada “Triângulo de Luwero”. Esse triângulo é de 3.600 milhas quadradas (9.325km²) em área florestal. Foi onde concentramos todas as nossas operações. Então, os regimes reuniram seus soldados e os enviaram em massa para essa área para nos esmagar. Ao fazê-lo, retiraram soldados da retaguarda e, a essa altura, tínhamos ganhado força; assim, atacamos sua retaguarda para capturar armas e assim por diante. Então, essa é a terceira fase.

A fase final é a guerra convencional. Normalmente ouço as pessoas falar sobre a guerra de guerrilha como se ela fosse uma forma paralela de guerra. Não, a guerra de guerrilha é uma fase. No final, porém, para que a causa tenha sucesso, é preciso travar a guerra convencional. A menos, é claro, que se enfraqueça o outro lado com a guerra de guerrilha e, então, o outro lado negocie e se obtenha um acordo político. Também existe essa possibilidade, quando o outro lado não espera pela conclusão militar da questão. Para vencer, porém, é preciso travar a guerra convencional no final.

Durante a primeira fase, quando o revolucionário organiza uma agitação [e conduz] operações clandestinas, o treinamento começa — treinamento militar. Os líderes escolhem algumas pessoas bastante confiáveis e começam a adestrá-las. A população em geral talvez não esteja ciente da realização do treinamento, porque se selecionam os mais avançados, os mais comprometidos. Esse treinamento tem quatro componentes: ideológico, organizacional, militar e político. Um revolucionário é, em primeiro lugar, ideológico; ser militar está em segundo plano. Quando está comprometido, será fácil para ele empreender qualquer missão.

Esse treinamento ideológico é muito importante, até mais importante que o treinamento militar. Este último é um meio a serviço da visão do revolucionário.

Durante a maior parte dessas fases, o revolucionário sempre utiliza o princípio da “necessidade de conhecer”. Não se divulgam informações para todos. Só se fornece a informação que alguém precisa saber para fazer o seu trabalho. E se evita a burocracia. Há pouco tempo, ri quando estava em Uganda e vi na televisão que há um grupo na Colômbia; chamados de “uma coisa ou outra”. Esse grupo tinha computadores e informações neles — são amadores. As informações devem ficar na cabeça do revolucionário, e não em um pedaço de papel, especialmente os planos. Caso [o revolucionário] ataque e capture os materiais — sim, é possível anotar as informações — mas o inimigo sabe, porque sabe o que perdeu. Pode-se anotar que se capturou uma certa quantidade de munição, isso se pode anotar. Contudo, os planos, planos, planos — nunca devem estar no papel, nunca devem estar em lugar algum. Assim, ao ouvir sobre aquele grupo na Colômbia, pensei que aquelas pessoas [as forças militares colombianas] têm muita sorte de ter um grupo assim contra quem lutar.

Durante todas essas fases, desde a da guerra de guerrilha até a da guerra de movimento, nunca se deve atacar um inimigo que esteja entrincheirado, que esteja nas trincheiras ou que esteja preparado. Deve-se atacar o inimigo quando ele estiver em movimento. Sempre o induza a sair, retire-o do acampamento dele para que ele o procure. É nesse momento que você o espera. Ele está um pouco mais vulnerável do que quando está acampado.

Falei antes que a capacidade de sobrevivência do revolucionário representa uma forma de vitória, mas isso não é o suficiente. Quando se sobrevive sem crescer, não se tem sucesso. A sobrevivência também deve envolver o crescimento: crescer em termos de números, mais células e equipamentos. Se você sobrevive apenas, então é um bandido. Então, caso combata o revolucionário e consiga impedi-lo de crescer, pode considerar isso uma vitória para o seu lado.

Falei sobre alvos nas outras fases. Ataque as delegacias de polícia; ataque os policiais em serviço, porque não estão em grande número;

destrua a infraestrutura — ferrovias, linhas de transmissão de força, sistemas de distribuição de água; ataque o pessoal de Inteligência; assuste os administradores governamentais — mas não mate civis! Os civis não devem ser mortos se não estão armados — mesmo que apoiem o governo. Você precisa assustar o civil, dizendo-lhe: “Não volte para cá. Se nós o encontrarmos aqui de novo, você verá.” O sujeito simplesmente fugirá. Não é preciso matar. E isso, por sinal, também faz parte de construir o prestígio do movimento revolucionário, porque o boato se espalha: “Essa gente não é assassina! Eles poderiam ter me matado. Eles me capturaram. Eu estava sob o controle deles, mas eles me disseram para ir embora.” Muito importante, muito importante — você agora é como Jesus, mas armado — Jesus armado. Assuste-os apenas. Você vem e o prende. “Você, sujeito, nós lhe falamos para ir embora.” Qual é o seu interesse? Você quer que essas pessoas, os administradores, saiam da área para que o governo não tenha controle lá. É nisso que você está interessado. Não está interessado em matá-los, apenas em assustá-los.

Embosque as viaturas do Exército para forçá-las a formar comboios — isso é essencial. Embosque as viaturas para que deixem de andar como veículos solitários, [porque] quando formam um comboio têm de ir mais devagar, e isso é muito bom. Já não são tão rápidas.

Durante a segunda e terceira fases, a guerra de guerrilha e a de movimento, travamos batalhas que chamamos “batalhas de decisão rápida”. Deve sempre travar batalhas de decisão rápida. Na guerra de guerrilha, não lute por mais de 20 minutos. Quando chegar à fase de guerra de movimento, você pode lutar por cerca de três horas, dependendo do tipo de inimigo com quem lida. Caso se demore por lá, o inimigo trará reforços e você será sobrepujado. Por isso, é preciso atacar e se retirar rapidamente. Cause

Um revolucionário é acima de tudo ideológico; ser militar está em segundo plano. Quando está comprometido, será fácil para ele empreender qualquer missão.

prejuízo e, então, ponha-se a salvo. Nós, portanto, falamos de travar batalhas de decisão rápida em uma guerra prolongada. A guerra é prolongada, mas as batalhas são curtas.

Para o combatente revolucionário, a guerra é um negócio muito claro. Não trave uma batalha em que espera gastar mais munição do que obterá dos equipamentos capturados. Então, ela é um negócio. O índice de rentabilidade precisa ser muito alto. Se você gasta 10.000 cartuchos, a previsão deve ser de obter cerca de 30.000 a 40.000. Se gasta 10.000 cartuchos e adquire 5.000, isso representa uma perda, e você nunca deve travar tais batalhas, porque se enfraquece. Se desperdiçar seus recursos, comete um grande erro.

Na guerra de movimento, acabamos abrindo uma segunda frente nas montanhas Rwenzori. Por fim, lançamos uma contraofensiva estratégica e, desde então, passamos a travar uma guerra convencional.

Comando, Controle e Comunicações. Enquanto lutávamos, desenvolvemos dois tipos de força. Chamamos uma delas de “força regional”. Nessa fase da guerra de guerrilha, não se comunica muito. Os líderes se reúnem e concordam: “Vamos fazer isso e dessa maneira.” Em seguida, cada um vai para a sua área. Quando se dispersam, não se comunicam de novo. Cada líder ataca da forma combinada. Contudo, não se comunicam nem informam os resultados: “Sabe que hoje fizemos isso...” Não, não, não, não! O inimigo é quem se comunicará por rádio. A BBC fará as reportagens por você. Você não precisa falar; só age. Isso é muito importante. Evita o vazamento de informações, evita a interceptação pelo outro lado. Se há tráfego demais — rádio, telefone — isso é muito perigoso para o lado revolucionário.

O segundo tipo de força é o que chamamos de “força móvel”. Essa fica sob o controle da liderança superior, especialmente na terceira fase, e é a que recebe ordens centrais para atacar isso ou aquilo. De outra forma, as forças regionais são dispersas. Você acorda os alvos, vai e age separadamente e, então, pode se reunir depois de cerca de um ano para ver o que foi realizado e planejar o caminho a seguir.

Por razões de segurança, nunca conversávamos em casas — não sentávamos em uma casa para

discutir planos — nunca. Sempre discuta em campo aberto. Portanto, para comandar, parte do comando fica dispersa, outra fica concentrada. A comunicação é por mensageiro. Evita-se o uso de rádios, telefones, etc.

Disciplina. Como lhes disse, um guerreiro revolucionário é como Jesus. Não deve tomar bebidas alcoólicas; não deve maltratar civis; não deve tomar liberdades com as mulheres; e como disse Mao Tsé-tung: “Não se deve tirar uma única agulha ou linha do povo sem pagar.” E, caso um de nossos soldados cometa algum erro, especialmente se ele mata alguém, é preciso castigá-lo onde o erro foi cometido, na frente das pessoas. Se você levá-lo embora para puni-lo em outro lugar, vai ter problemas com a população, especialmente a população que não é instruída, porque ela não saberá se você o puniu ou não, pensarão que o acobertou. Assim, essa disciplina é essencial para o êxito da causa revolucionária.

Desde a Guerra do Vietnã, houve muitas melhorias tecnológicas em relação às armas — bombas inteligentes, melhor observação, captação aérea de imagens, imagem termal, formas acústicas de obter informações. A tecnologia impossibilita que o lado mais fraco tecnologicamente, mas correto em termos de justiça, trave a guerra de resistência? Minha

resposta é: “Não”. [O lado mais fraco] precisa de algum tipo de mudança de tática. Por exemplo, se [o lado tecnologicamente superior] puder detectar pessoas escondidas na floresta por meios remotos, o combatente revolucionário pode, ainda assim, descobrir uma solução para isso. Qual seria a solução? Fique com as pessoas onde elas estão — especialmente nas outras fases. Fique com as pessoas para que não seja fácil para [o lado tecnologicamente superior] saber quem é insurgente e quem não é.

Concluindo, acho que é a mesma velha história. A verdadeira resposta a uma guerra revolucionária é a reforma política para que se negue ao outro lado razões para obter o apoio do povo. Acho que essa é a verdadeira resposta estratégica para um desafio revolucionário. Muito obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Primeira pergunta: *O senhor falou recentemente na Organização das Nações Unidas em Nova York. A seu ver, qual será o futuro papel da ONU na África?*

Museveni: A Organização das Nações Unidas precisa ser séria. Ela não é séria. A ONU está cheia de carreiristas. Sabe o que é um carreirista?



O Primeiro-Ministro da Etiópia, Meles Zenawi; o Presidente da Tanzânia, Benjamin Mkapa; o Presidente da África do Sul, Thabo Mbeki; o Presidente do Quênia, Daniel arap Moi; e o Presidente de Uganda, Yoweri Museveni, posam para uma foto em Arusha, onde participaram de uma reunião de cúpula de um dia sobre Burundi, 1º de dezembro de 1999.

Um carreirista é um “realizador de tarefas” que executa o trabalho como uma carreira — como um trabalho. Precisamos de pessoas com convicção nas Nações Unidas, e isso está totalmente em falta. Portanto, não fazem um bom trabalho. Cometem muitos erros. Embora eu diga isso, sou a favor de reformar a ONU e não de descartá-la. Se a descartarmos, não teremos outro fórum. Portanto, acho que a solução é reformá-la. Em minha opinião, porém, não estão fazendo um trabalho muito bom, especialmente em relação à manutenção da paz, etc.; mas até em assuntos de desenvolvimento, como quando falam sobre o que chamam de Metas de Desenvolvimento do Milênio. O que eles fizeram foi estabelecer indicadores sociais. A taxa de mortalidade infantil deve ser reduzida até um certo nível; a taxa de mortalidade materna também. A questão, porém, é *como* você fará isso? Usará bruxaria? Ou o desenvolvimento?

Um dos maiores problemas na África é a exportação de matéria-prima. Essa é parte de nossa luta hoje. Considere Uganda. Uganda é o quarto maior exportador de café no mundo inteiro. É claro que estamos mudando isto agora, mas, no passado, recebíamos um dólar americano por quilo de café. E quando o café é levado para outro lugar — para um grupo chamado “Nestlé” — eles torram, moem e recebem vinte dólares pelo mesmo quilo pelo qual recebi um dólar. Isso significa, portanto, que Uganda fornece ajuda. Uganda é um doador de dezenove dólares em cada quilo de café para alguns desses países.

Não apenas perdemos dezenove dólares por quilo de café, mas também perdemos empregos. Esses empregos são eliminados, são exportados. Se não se trata disso, como é que se vai lidar com as supostas metas de desenvolvimento do milênio? Se alguém está desempregado, como se pode erradicar a pobreza dele? E como as pessoas terão empregos se não há industrialização?

Por isso, a ONU tem muitas fraquezas, mas acredito que sejam curáveis.

Segunda pergunta: *Há alguma preocupação em seu país e em outras nações africanas quanto à crescente influência da China em toda a África?*

Museveni: Ah, China! Ah, não, não, não! Estamos muito contentes com a China. Algumas

pessoas me perguntaram isso e é bom que falemos sobre o assunto. Primeiro, a China foi uma influência muito boa até agora. Talvez isso mude no futuro, mas, até agora, a China foi uma influência muito boa. Por quê? Em primeiro lugar, quando lutávamos contra os colonialistas, [os chineses] nos davam armas, o que era muito bom. Quando vínhamos às Nações Unidas — aos Estados Unidos — Henry Kissinger, todas aquelas pessoas, elas nos davam a Bíblia: “Vá e pregue ao opressor.” Entretanto, o opressor não escutava os versículos da Bíblia, queria a força. Os chineses nos deram o apoio para nos livrarmos dos colonialistas na África.

Hoje, porém, os papéis importantes da China e da Índia são os seguintes: as matérias-primas africanas haviam se desvalorizado. O preço do aço caíra. O preço do cobre caíra. Os preços de todas as commodities caíram. Por quê? Dizem-nos que há aço demais no mundo. Vamos usar o exemplo do aço. Há aço demais no mundo e, por isso, o preço baixa. Contudo, por que havia aço demais supostamente? Isso era, claro, uma aberração, uma impressão equivocada. O que queriam dizer é que há pessoas que têm uma vida abastada — na América do Norte, os Estados Unidos e o Canadá; na Europa Ocidental e no Japão — em boas casas, dirigindo carros, etc. O resto do mundo vive em condições muito ruins. O que acontece, então? Devido às reformas de Deng Xiaoping na China e às reformas na Índia, centenas de milhões de indianos e chineses passaram de camponeses à classe média. Agora moram em boas casas.

O que isso significa? O preço do aço sobe. O preço do cimento sobe. Os chineses andavam a pé ou de bicicleta nas ruas de Pequim. Agora dirigem. O que isso significa? Que o preço do combustível sobe. E quem manda combustível? Uganda. Nada mal. O preço do aço sobe porque há mais carros. O preço da comida sobe. Então, isso é muito bom. Os chineses se tornaram um grupo muito grande na economia mundial. Os preços de commodities subiram, os preços de comida subiram e estou muito feliz em Uganda. Nossa economia está crescendo muito bem — nove por cento ao ano. Por quê? Porque produzimos muita comida. Sempre a produzimos, mas não tínhamos onde vendê-la, porque todos os mercados eram bloqueados

pelo protecionismo. Agora, devido à fome no mundo, o mundo todo clama por comida. Então, os chineses e indianos são uma boa influência.

Entretanto, nós, africanos — não nos arriscamos. Fomos colonizados uma vez; nunca seremos colonizados de novo. Não queremos nos acomodar, porque não sabemos. Quando a China se tornar uma superpotência, suponha que os chineses também se tornem agressivos e digam: “Temos pessoas demais na China”. A África é um continente muito grande, com uma área de cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados. Os Estados Unidos, China, Índia e Argentina caberiam juntos na África. Agora suponha que os chineses digam: “Há terras desocupadas na África; queremos ir morar lá”, quando forem uma superpotência. É por isso que falamos de integração africana — integração econômica e política. Agora mesmo lutamos pela federação política da África Oriental. Queremos que essa área se transforme em um único país. Nosso irmão Muammar Gaddafi da Líbia quer que a África inteira se torne um país. Alguns entre nós dizem: “Isso é um pouco demais”. Sem dúvida, porém, o mapa político da África mudará.

E por que fazemos isso? Queremos implantar o Pai Nosso — nosso Senhor é Jesus Cristo — para aqueles que não são cristãos. O Pai Nosso diz: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.” Não queremos levar pessoa alguma a cair em tentação por permanecermos fracos. Quando você está fraco, leva as pessoas a cair em tentação, a pensar que podem controlá-lo. Não queremos que isso aconteça de novo na África.

Terceira pergunta: *Senhor Presidente, seus últimos comentários levam à minha pergunta. A seu ver, qual é o papel da fé e da religião na guerra prolongada?*

Museveni: Talvez eu não tenha esclarecido que, para ter êxito, a guerra revolucionária precisa ser correta ideologicamente. E o que isso significa? Significa que você precisa lutar

por objetivos justos. Falei sobre isso, mas indiretamente. Se você luta pela religião, em si, não acredito que cumpra essa condição, porque, às vezes, enfrenta algumas das velhas crenças religiosas. Nas religiões mais antigas, por exemplo, constata-se que o papel das mulheres é abordado de outra forma. De fato, em algumas religiões, as mulheres são reprimidas. Se você partir da ideologia do... a palavra é atavismo — que se refere a quando uma pessoa quer voltar e viver como as pessoas viviam no passado — acredito que não irá muito longe, especialmente ao lidar com pessoas que sabem o que estão fazendo, porque elas podem mobilizar contra você os setores que está negligenciando e talvez você não ganhe. Portanto, o sectarismo, em minha opinião, não é uma das condições que pode ser tratada na guerra revolucionária. A guerra revolucionária é uma guerra de libertação, que liberta os maiores setores possíveis da população. Então, se você não liberta as mulheres, e as mulheres sempre compõem 51% da população em todos os países, quem é que você liberta? Acho que essas pessoas são alguns dos aventureiros. Eu classificaria alguns esforços como aventureirismo, aventureirismo reacionário ou mesmo reacionarismo.

Quarta pergunta: *Qual é a sua opinião sobre o estabelecimento do AFRICOM (Comando Africano dos EUA)?*

Museveni: O AFRICOM. O General Ward veio me ver e me falou sobre ele. Na África, em geral, não gostamos das bases estrangeiras. Não queremos bases estrangeiras — alguém vem e coloca uma base lá — é disso que não gostamos. De fato, acredito que há resoluções na União Africana contra isso. Entretanto, normalmente trabalhamos com os Estados Unidos em algumas situações. Como quando havia um problema no Congo, o Exército dos EUA veio e usou o aeroporto de Entebbe. Para fins específicos, podemos trabalhar juntos. No entanto, o que não

A resposta verdadeira a uma guerra revolucionária é a reforma política para que se negue ao outro lado razões para obter o apoio do povo. Acho que essa é a verdadeira resposta estratégica para um desafio revolucionário.

aceitaríamos é ter uma situação em que parte do nosso país serve de base para outro país. Os africanos são totalmente contra isso e, em minha opinião, não é necessário. Então, se o AFRICOM ficar onde está e, de vez em quando, vier para coordenarmos algo para um fim específico, acredito que isso será bom o suficiente. Contudo, é bom ter um grupo — um grupo e um comando do Exército dos EUA — que se concentra nos problemas da África. Acho que isso é bom, porque gera conhecimento, gera informações. O estabelecimento de bases na África, porém, é muito, muito polêmico. Eles não apoiariam bases militares permanentes.

Quinta pergunta: *Depois de vencer a sua insurgência, como assegurou a paz no longo prazo entre o povo? Como reconciliou o povo?*

Museveni: Aqueles que você chama de “insurgentes”, nós os chamamos de terroristas em Uganda. Nós os chamamos de terroristas, porque representam o Sudão. Vocês sabem que tivemos um problema com o governo do Sudão. Como disse antes, havia um problema de africanos e árabes no Sudão. Os sudaneses suspeitavam que, um dia, talvez tomássemos o lado dos nossos irmãos negros no seu conflito interno. Eles, portanto, queriam se livrar de nós, e nós não queríamos isso. Assim, tivemos de lutar. Agora que a questão do Sudão acabou, não temos razão política alguma em Uganda que possa causar uma guerra contínua. Segundo, nosso Exército também estava crescendo na época. Ainda era um Exército de uma arma, apenas a Infantaria. Agora temos uma força de duas armas; temos todos os meios de garantir a paz no país e há paz total no país.

Sexta pergunta: *Tenho duas perguntas. A primeira tem a ver com o fato de o senhor passar de oficial militar a presidente. Qual é a sua visão em relação à insurgência, extremistas, redução da pobreza e igual distribuição da riqueza na África como um todo? Minha segunda pergunta é, como sabemos que a Organização da Unidade Africana mudou para União Africana, qual é o seu próprio papel em relação à Guerra Global Contra o Terrorismo?*

Museveni: Quanto à distribuição da riqueza na África, o maior desafio é a transformação

— transformação social e econômica. É isso o que dizia às Nações Unidas. Sabe, a diferença entre a Europa e a África é que, se você voltar para mais ou menos 1400, descobrirá que o nível de desenvolvimento na África e na Europa não era muito diferente. O problema é que desde 1400 ou 1500, as sociedades européias passaram por uma metamorfose. Sempre gosto de usar essa palavra, metamorfose. É um termo biológico, que significa que um inseto evolui de ovo para lagarta, para pupa, para borboleta adulta. A sociedade europeia passou por uma metamorfose de sociedades feudais — sociedades de camponeses — para sociedades de classe média e classe trabalhadora qualificada. Até hoje, as sociedades africanas ainda são de camponeses, ou até feudais em certos casos. É aí que está o desafio. O desafio é a transformação, não apenas a distribuição, porque o que eles têm para distribuir? Às vezes, apenas distribuem pobreza. O desafio é a transformação. E como se faz a transformação? Em primeiro lugar, educação para todos. Segundo, o crescimento liderado pelo setor privado — o setor privado liderando a industrialização da África — isso criará empregos para as pessoas. São as mesmas pessoas que você enviou à escola. Os empregos possibilitarão a arrecadação de mais impostos para o governo e assim por diante. Então, não acredito que a questão principal seja a distribuição da riqueza. Acho que a questão principal é a transformação. Sim, a distribuição da riqueza pode ajudar no processo de transformação, mas não acredito que seja a solução principal. Porque mesmo onde é feita, quando não se tem riqueza para distribuir, não se vai muito longe.

Agora, a Guerra Global Contra o Terrorismo. Uganda apoiou o Presidente George Bush quando ele foi ao Iraque na outra vez, principalmente devido à nossa experiência com o terrorismo do Sudão; não gostamos do terrorismo. Eu lhes disse que temos uma diferença de opinião. Durante os tempos coloniais, pertencíamos ao mesmo grupo dos árabes. Nós o chamávamos de Grupo de Solidariedade Afro-Asiática. Estávamos juntos de indonésios, indianos, Nehru e Nasser, os árabes. Venho falando com alguns líderes árabes — realmente não concordamos com seus métodos. Já falei sobre isso na minha palestra. Por que sequestram aviões? Sabe, as mulheres

grávidas estão no avião, indo para o tratamento pré-natal — daí vocês sequestram o avião. Que tipo de revolucionário são vocês? Assim, não apoiamos o terrorismo. Não achamos que o terrorismo seja o instrumento certo para uma força revolucionária. Sei que os palestinos têm problemas com os israelenses — têm direito à sua terra natal — mas os métodos que empregam — não nos associamos com eles.

Quanto à Guerra Global Contra o Terrorismo, por acaso, eu me reuni com o Presidente Bush outro dia quando eu estava em Nova York e o conheci no ano passado. E, nessa ocasião, eu lhe sugeri que devíamos ter uma reunião de cúpula entre os Estados Unidos e a União Africana para falar sobre essas questões. Tivemos uma reunião de cúpula com a China — a cúpula sino-africana em Pequim — uma com a Índia e outra com a União Européia. Propus ao Presidente Bush que devíamos ter uma reunião de cúpula entre a União Africana e os Estados Unidos para que pudéssemos falar sobre essas questões. Agora, com a possibilidade da reunião de cúpula, não quero dar minha opinião sobre o assunto, porque quero discuti-lo diretamente — como ir em frente. Contudo, em termos gerais, não apoiamos o terrorismo, porque não é necessário. Como disse na minha palestra aqui, pode-se lutar sem ser terrorista. Sou um revolucionário; nunca fui terrorista. E o terrorismo não se refere à causa, mas aos métodos. Quando você visa não combatentes, você é um terrorista. Quando emprega a violência de forma indiscriminada — um terrorista é o que a usa indiscriminadamente — você é terrorista. Não apoiamos isso.

Última pergunta: *Senhor Presidente, tive o privilégio de ser destacado para Uganda de abril a agosto de 2006 como oficial encarregado de treinar a Força de Defesa Popular de Uganda (UPDF, na sigla em inglês), aproximadamente 300 soldados. Ver seu espírito — sua aprendizagem ativa — realmente me impressionou. A seu ver, qual é o futuro papel da UPDF em relação à luta da Somália por um governo forte e pela independência?*

Museveni: Eu lhe agradeço por sua contribuição ao nosso treinamento. Nosso papel na Somália é tentar ajudar os somalis a reconstruir seu Estado. Estamos lá para ajudá-los.

Antes de tudo, defendemos o aeroporto, porto marítimo e a casa do governo, que defendemos o tempo todo. Quando os terroristas vêm nos atacar, nós os repelimos.

Contudo, mais importante, gostaríamos de nos ver como um catalisador na formação do Exército e Polícia somalis por meio do treinamento. De fato, outro dia, tivemos uma pequena reunião em Nova York, que envolveu o Subsecretário Jendayi Frazier dos Estados Unidos, o primeiro-ministro da Etiópia e alguns outros. Discutimos exatamente esse ponto. Se ao menos o governo da Somália também lidasse com a questão de arrecadação de receitas, porque, quando treinamos as pessoas e elas não recebem pagamento, acabam se dispersando e aderindo à milícia. Seria bom se o governo da Somália ou a maravilhosa ONU... se a maravilhosa ONU pudesse remunerar o Exército somali por mais ou menos um ano ou um ano e meio — e, enquanto isso, o chefe do Estado somali começaria a arrecadar receita própria; assim, seria fácil reconstruir aquele país. Porque os somalis são guerreiros, são fáceis de organizar. Só precisam de liderança. Contudo, o governo da Somália precisa arrecadar receitas para remunerar os soldados. O nosso trabalho é guardar os centros estratégicos, assim como treinar o novo exército somali.

Muito obrigado.

Comentários Finais do General Caldwell

Para todos os que não sabem, quando o presidente esteve aqui em junho para a formatura de seu filho, ficamos cativados com o fato de que ele era um líder do movimento em seu país que devolveu o poder ao povo. E escutar as suas histórias foi absolutamente fascinante — um relato pessoal de primeira mão sobre muitos anos — e, então, ouvir o que ele faz hoje pelo povo de Uganda enquanto atua como seu presidente.

O senhor é fiel à sua palavra. Disse-nos em junho que voltaria aqui como presidente de uma nação. Para ser franco, não esperávamos [vê-lo de novo] dadas as exigências de sua agenda! Ficamos extremamente honrados que tenha se dado a esse trabalho e voltado para compartilhar as suas experiências conosco hoje. O que disse foi bastante enriquecedor e esclarecedor. Ficamos extremamente gratos. Muito obrigado. **MR**